
ESCOLA, RACISMO E DESEMPENHO ESCOLAR: O ROMPIMENTO DA PROFECIA AUTO REALIZADORA DO FRACASSO A PARTIR DO RELATO DE TRÊS JOVENS NEGROS

Sandra Marcelino¹

RESUMO

Esse trabalho contém uma reflexão inicial inspirada no meu projeto de doutoramento em curso, cujo objeto são os processos de construção do êxito escolar de meninos negros. A vasta literatura sobre desempenho escolar aponta para além dos investimentos pedagógicos familiares, o sucesso e o fracasso possuem uma forte relação com o gênero e a raça dos estudantes. Pesquisas recentes como a realizada pelo Instituto Nacional e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, (INEP) e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) identificaram que situações de discriminação ocorridas dentro da escola influenciavam na trajetória e desempenho escolar dos estudantes. Para ilustrar o debate, o texto apresenta relatos de três jovens negros que narram experiências de preconceito e suas relações com a escola. A metodologia usada para a coleta dos dados foi a partir de uma conversa direcionada com um roteiro semiestruturado e organizado em três blocos temáticos abordando questões sobre a escola, o racismo e a participação familiar. Algumas conclusões iniciais nos mostram que a participação da família, redes de suportes e a representatividade negra tem um papel importante no processo de êxito escolar dos meninos negros.

Palavras-chave: Meninos negros. Discriminação. Desempenho Escolar.

SCHOOL, RACISM AND SCHOOL PERFORMANCE: THE BREAKING OF PROPHECY AUTO ACHIEVING THE FAILURE FROM THE REPORT OF THREE YOUNG BLACK PEOPLE

ABSTRACT

This work contains an initial reflection inspired by my current doctoral project, whose purpose are the processes of building school success for black boys. The vast literature on school performance points beyond family pedagogical investments, success and failure have a strong relationship with the gender and race of the students. Recent researches such as that carried out by the National Institute and Educational Research Anísio Teixeira (INEP) and the Foundation for Economic Research (FIPE) have identified that situations of discrimination occurring within the school influenced the trajectory and performance of the students. To illustrate the debate, the text presents reports of three young blacks who narrate experiences of prejudice and their relations with school. The methodology used for the data collection was based on a structured discussion and organized in three thematic blocks, addressing issues related to school, racism and family participation. Some initial conclusions show us that family participation, support networks and black representativeness play an important role in the school success process of black boys.

Keywords: Black boys. Discrimination. School performance.

¹ Mestrado em Serviço Social. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas (Educação) pela PUC-RIO e Professora da Escola Municipal Carlos Pereira Neto

ESCUELA, RACISMO Y RENDIMIENTO ESCOLAR: EL ROMPIMIENTO DE LA PROFECÍA AUTO REALIZADORA DEL FRACASO DESDE EL RELATO DE TRES JÓVENES NEGROS

RESUMEN

Este trabajo contiene una reflexión inicial inspirada en mi proyecto de doctorado en curso, cuyo objeto son los procesos de construcción del éxito escolar de niños negros. La vasta literatura sobre desempeño escolar apunta más allá de las inversiones pedagógicas familiares, el éxito y el fracaso poseen una fuerte relación con el género y la raza de los estudiantes. Las investigaciones recientes como la realizada por el Instituto Nacional e Investigaciones Educativas Anísio Teixeira, (INEP) y la Fundación Instituto de Investigaciones Económicas (FIPE) identificaron que situaciones de discriminación ocurridas dentro de la escuela influían en la trayectoria y desempeño escolar de los estudiantes. Para ilustrar el debate, el texto presenta relatos de tres jóvenes negros que narran experiencias de prejuicio y sus relaciones con la escuela. La metodología utilizada para la recolección de datos fue a partir de una conversación dirigida con un itinerario semiestructurado y organizado en tres bloques temáticos abordando cuestiones sobre la escuela, el racismo y la participación familiar. Algunas conclusiones iniciales nos muestran que la participación de la familia, redes de soportes y la representatividad negra tiene un papel importante en el proceso de éxito escolar de los niños negros.

Palabras clave: Niños negros. Discriminación. Rendimiento Escolar.

RAÇA E ESCOLA: UMA EQUAÇÃO QUE DESAFIA

A escola privilegia um saber, um padrão de “bom aluno”, uma forma de avaliar a partir de critérios culturais hegemônicos. O professor formado nesse sistema reproduz e incorpora em sua prática e no processo avaliativo, muitas vezes, critérios que estratificam os alunos constituindo assim os estereótipos que classificam quem são os exitosos e quem são os fracassados.

A literatura vem sinalizando que o desempenho escolar dos alunos implica diferentes fatores, tais como: a estrutura da escola, a relação professor-aluno, a qualidade do ensino, os recursos materiais disponíveis, a participação familiar, além das variáveis de gênero, racial, cultural, socioeconômica entre outras. Sustento a concepção que a escola, muitas vezes, tende a produzir efeitos cognitivos diferentes entre os alunos e reproduz desigualdades durante o processo de ensinar e aprender. Sendo assim, o processo de avaliação pode transformar-se em agências de seleção e certificação, onde o êxito e o fracasso podem ser duramente questionados.

Diferentes estudos e pesquisas mostram como o sistema educacional ao invés de reduzir as desigualdades, acaba por produzi-las no que diz respeito ao aprendizado e ao acesso às oportunidades. No ano de 2016, duas universidades norte-americanas (Universidade Johns Hopkins e Universidade de Vanderbilt) divulgaram em revistas

científicas dos Estados Unidos dados de pesquisas longitudinais realizadas com mais de 10.000 alunos do ensino médio. Um dos estudos detectou que entre os alunos com altos resultados em testes padronizados, os alunos negros com o desempenho acadêmico idêntico aos alunos brancos tinham menores chances de serem encaminhados a participar dos programas de habilidades se o professor fosse branco. As chances de participação aumentavam significativamente quando havia a presença de professores negros.

Raça e escola é uma equação que desafia os professores, o sistema escolar e o desempenho. Entre as possíveis suposições, talvez seja oportuno aqui destacar três: Primeira, o discurso de que “todos os alunos são iguais” invisibiliza as diferenças e reforça assimetrias “não ditas”, mas exercidas. Seriam eles realmente iguais na escola? Iguais, mas tratados de maneira diferente ou diferentes tratados desigualmente sob um discurso de igualdade? Outra suposição diz respeito à discriminação existente nas escolas e a personalização do fracasso e da incompetência. No sistema escolar ainda se aposta pouco nas crianças negras; há um imaginário social influenciado por estereótipos que modula o olhar do professor e da escola causando efeitos diferenciados no processo de aprendizagem.

E a terceira recai sobre a forma de afetividade. Pesquisa como a de Cavalleiro (2003), constatou que a relação dos professores com os alunos não negros tendia a ser mais afetuosa e otimista se comparada com os alunos negros, favorecendo assim um melhor desempenho do primeiro grupo de alunos. Para além das pesquisas citadas, outras autoras vêm contribuindo no diálogo e percepção das desigualdades raciais na educação (MIRANDA et al., 2004; LOUZANO, 2013; ABROMOVAY, CASTRO, 2006; CARVALHO, 2004). Esses e outros estudos indicam que o racismo presente no cotidiano escolar, se torna muitas vezes obstáculos para o sucesso acadêmico de estudantes negros, somado as expectativas dos professores.

Esse debate não é recente. Um conjunto de notáveis estudos já apontavam desde a década de 1970, as assimetrias existentes na relação raça-desempenho escolares, no entanto, identifico que ainda essa articulação é pouco explorada quando associada aos efeitos do racismo e da interseccionalidade de raça e gênero. Nessa ausência de olhar, o sistema escolar naturaliza o insucesso de determinados alunos.

No artigo “Quem são os alunos que fracassam na escola?”, observamos que Carvalho (2004) vai identificando que há um maior número de meninos, consequentemente negros e/ou provenientes de famílias de baixa renda que obtém

conceitos negativos e são conduzidos com mais frequência às atividades de recuperação, se comparado com as meninas e meninos brancos, e as meninas negras.

Inspirada nessas pesquisas buscaremos nesse texto apresentar nas sessões seguintes os depoimentos de três homens negros de diferentes faixas etárias. Serão eles os interlocutores que nos ajudarão a refletir sobre o racismo e o desempenho escolar tendo em vista, a ruptura da profecia auto realizadora do fracasso escolar.

Buscaremos através das narrativas identificar como a escola em muitas circunstâncias legitima as desigualdades entre negros e brancos no dia-a-dia da sala de aula e como essas configurações ocorrem também fora da escola.

Assim sendo, esse debate nos inspira a perguntar: Como é ser um menino negro na escola? Quais as representações que a escola produz para esses alunos? Como o racismo atravessa a relação escola-família e influencia o desempenho de alunos negros?

OS HOMENS NEGROS QUE AQUI FALAM: HISTÓRIAS CRUZADAS

Antes de apresentar os três interlocutores que compõe esse texto e colaboram através de suas narrativas e experiências sobre o cotidiano escolar, convém mencionar os dados “comuns” do cotidiano de jovens negros representados no mapa da violência 2015 e no Índice de Vulnerabilidade Juvenil 2017. O “comum” aqui é usado propositalmente com um tom crítico à “normalidade” que se faz presente na vida da juventude negra e na sociedade brasileira.

O Raio-X social desses jovens, cuja cor limita à acessibilidade de oportunidades, responde ao racismo estrutural que os colocam tardiamente no sistema escolar e os expulsam precocemente. Esse racismo que modela as relações institucionais e seus agentes criam padrões e perfis de algozes e vítimas que assassinam um jovem negro a cada 23 minutos. O Mapa da Violência (2015) e o Relatório do Índice de Vulnerabilidade Juvenil (2017) sinalizam a existência de uma diferenciação racial ao se tratar de violência. Segundo o Relatório (2017), os índices “evidenciam a brutal desigualdade que atingem negros e negras até na hora da morte”. A herança deixada pela escravidão e a libertação que não integraram os negros na sociedade, é o resultado estampado do cenário que se perpetua até os dias atuais, ou seja, a violência, o desemprego, a precariedade de moradia, a educação comprometida entre tantos outros aspectos, têm cor e quanto mais pigmentação, menos direitos.

Por que será que a violência e o fracasso vêm estampados como carta de apresentação quando se falam de jovens negros? Provavelmente a essa pergunta cabe

inúmeras respostas. Destaco que o processo de captura e escravização dos povos africanos e suas lutas e resistências; a pós-abolição que lançou a população negra à própria sorte; a ausência de direitos iguais que equiparassem negros e brancos as mesmas oportunidades entre outros fatores, conduziram os negros às condições precárias e, conseqüentemente, vulneráveis à violência. Sendo assim, não causa espanto a sociedade ver noticiado na televisão ou nos jornais o assassinato de um jovem negro. Naturaliza-se o fato porque os estereótipos socialmente construídos em relação à população negra nada têm de positivo. São preguiçosos, violentos, baixa capacidade intelectual, por exemplo.

Neste contexto, os nossos três interlocutores que aqui dialogam desviaram-se da estatística apresentada nos dois documentos citados, e, por esse motivo, ao tornarem-se exitosos romperam com a profecia auto realizadora do fracasso, todavia, continuam sendo o alvo.

Chamaremos cada um deles através de codinomes de personalidades negras: Zumbi, Mandela e Malcolm. A configuração geográfica onde moram nossos interlocutores é marcada por diferenças. O primeiro reside na Baixada Fluminense; o segundo já foi morador da Baixada e atualmente mora no Centro do Rio e o terceiro, é residente da Zona Norte. Independente do local de moradia, as vulnerabilidades em ser homem negro não se alteram.

O nome adotado aqui para cada um deles é intencional, político e estratégico. Ao fazer a memória dessas personalidades notáveis na história de luta e resistência negra, os nossos interlocutores com perfis bastante distintos e histórias que ora se encontram, ora se distanciam, enfatizam suas trajetórias dos homens negros que aqui falam como um retrato de luta e resistência cotidiana diante do racismo que os acompanham desde a mais tenra idade.

Malcolm é o mais jovem de todos. Tem 25 anos, pele negra menos pigmentada que os demais. É recém-formado em Ciências Sociais em uma das universidades particulares de maior prestígio no país. Sempre estudou em escolas públicas e no seu histórico não consta nenhuma reprovação. Desde muito cedo assumiu uma postura combativa e crítica se destacando na escola por sua representatividade e boas notas. Criado em uma família matrilinear, sua mãe e sua tia possuem o ensino médio completo e seus avós maternos tinham até a antiga 4ª série primária.

Zumbi tem 39 anos. Negro de pele escura. Nascido em um município da Baixada Fluminense, hoje reside no centro do Rio de Janeiro. Seu pai possui ensino

fundamental completo e sua mãe tornou-se pedagoga quando ele já cursava a pós-graduação. Cursou a graduação e o mestrado em história em uma universidade federal. Conta que foi reprovado uma vez na 5ª série (atual 6º ano – nomenclatura utilizada após a reforma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.693/94) e que foi a melhor coisa que aconteceu em sua vida, pois foi um divisor de águas para o seu desempenho escolar. O histórico familiar, principalmente do lado paterno, é formado por pessoas analfabetas e com baixo nível de escolaridade.

Mandela tem 40 anos. Negro de pele escura. Nível superior. Formado em comunicação social em uma universidade particular de bastante expressividade. Foi reprovado algumas vezes no 6º e o 7º anos. Seus pais concluíram o ensino médio depois que os filhos já estavam adultos e formados.

Uma das coisas que é comum na trajetória de pessoas negras no seu processo de escolarização são os desafios no percurso devido ao baixo capital cultural, econômico, linguístico, social. Em níveis diferentes, todos os entrevistados têm consciência do seu lugar enquanto homens negros na sociedade e o que isso representa no que diz respeito ao acesso as oportunidades. Reconhecem que o racismo tem diversas facetas para impedir o êxito de negros, no entanto, todos construíram suas estratégias de enfrentamento para romper com o fracasso e o lugar socialmente esperado que eles ocupassem. Suas estratégias variam desde a insistência na educação formal até a formação de redes de suportes que oportunizaram suas entradas em lugares não esperados para homens negros.

Apesar de formações diferenciadas, todos eles afirmam que a escolarização é uma ferramenta em potencial para galgar lugares de mais prestígios, conquistar respeitabilidade perante outras pessoas e transição na mobilidade social.

Convém lembrar que a educação no período de pós-abolição ganhou um lugar de “segunda libertação” para a população negra como alguns autores já apontaram em seus escritos (FERNANDES, 2008 p. 9-10). Teria ela a função de mobilidade social e ruptura da herança escravagista. Como bem destaca Rui Canário (2006, p.12), o século XX marca o triunfo decisivo da escolarização. Neste momento, a escola ganha a atribuição de ser uma “saída” para as questões de civilização e intervenção na ordem societária.

A escolarização formal da população negra foi tardia, porém as associações negras no início do século passado já tinham a preocupação de educar e tornar letrados os ex-escravizados e os filhos destes. Este período marca profundamente as experiências

da população negra no que se refere à educação. As reivindicações pelo acesso e direito à educação são pautas antigas da comunidade negra desde o pós-abolição.

A abolição não trouxe melhorias para a vida dos ex-escravizados que após esse processo foram lançados à própria sorte. Sem instrução formal para competir no mercado de trabalho, as associações, organizações e irmandades negras perceberam que era necessário instruir esse grupo específico para que estreitasse o ‘fosso abissal’ existente entre negros e brancos que acentuava cada vez mais as desigualdades.

O professor e sociólogo Sales Augusto dos Santos (2005, p.21), salienta que “a valorização da educação formal foi uma das várias técnicas sociais empregadas pelos negros para ascender de status”. Neste sentido, os três depoimentos que aqui ilustrarão nossas reflexões coadunam com o que a literatura vem problematizando, as vezes com maior ou menor ênfase a respeito do corpo masculino negro ser alvo de poucas expectativas exitosas. O nosso objetivo aqui não é traduzir esses depoimentos em exemplos de mérito, pelo contrário, mas trazer à tona o debate dos lugares e oportunidades entre “*estabelecidos* e os *outsiders*” (ELIAS, 2000), cuja cor da pele exige criar ferramentas de sobrevivência para um bem-viver. Na terminologia usada pelo autor, podemos entender que os ‘estabelecidos’ são aqueles indivíduos considerados socialmente “superiores” e que fazem com que os indivíduos “inferiores” – *outsiders* – se sintam carentes de virtudes e sua humanidade com possibilidades de ser descartáveis.

EXPERIÊNCIAS, OLHARES E REFLEXÃO SOBRE A ESCOLA

Nossos interlocutores aqui apresentados são oriundos das classes populares. O início da nossa conversa fez uma aproximação exigindo um esforço para que os entrevistados revisitassem seu passado escolar, principalmente o segundo segmento do ensino fundamental que compreende do 6º ao 9º ano. Essa escolha teve alguns critérios: (i) os poucos trabalhos sobre êxito escolar neste segmento; (ii) o desconhecimento das experiências educacionais de meninos negros nesta faixa etária; (iii) a transição dos níveis de escolaridade que influencia o desempenho escolar.

Malcolm nos conta que estudou em uma escola pública na divisa entre Pavuna e São João de Meriti em uma área que se tornou um complexo, pois abarca muitas favelas e um quadro agravante de violência. Nunca teve um histórico de reprovação e sempre se destacou como um “bom aluno”. Na sua fala reforça que esse título de ser bom aluno era porque não problematizava a escola e seguia os moldes que ela determinava.

Transitava em diversos espaços. Zumbi conta que sua família sempre buscou manter todos os filhos em escolas privadas, pois acreditava que a qualidade do ensino era melhor e a atenção dos professores com os alunos era maior. Em sua trajetória escolar teve uma reprovação. Conta-nos que foi a melhor coisa que aconteceu, pois, os novos colegas de turma eram mais focados nos estudos e isso o incentivou a estudar mais para estar entre eles. Mandela estudou em escola pública. No seu histórico contabiliza duas ou três reprovações no 6º ano e uma na 7ª série, a partir de então seguiu.

A escola vai se fazendo cada vez mais presente na experiência humana e ocupa uma representatividade diferente para cada um. É na escola que acontece as primeiras socializações das crianças fora do ambiente familiar, as percepções, o reconhecimento ou a negação da identidade, o contato com outra cultura na representação do modo de falar, escrever, ‘domesticar’ o corpo, lidar com os afetos.

Sobre a experiência dos alunos negros neste ambiente, Gomes (2003) ressalta que a escola pode interferir na construção da identidade negra e o olhar lançado sobre o negro e sua cultura, muitas vezes, pode tanto valorizar as identidades e diferenças quanto segregá-las, discriminá-las, silenciá-las.

Para ilustrar essa reflexão, o relato dos entrevistados a seguir, define claramente como a escola pode agir como um espaço desafiador, principalmente para os negros. Zumbi relata:

A minha entrada na escola foi muito sofrida, então eu não gostava muito da escola. O sofrimento é porque a gente tinha situações... hoje é algo muito grave, como por exemplo, primeiro a gente tinha aquela coisa dos alunos prediletos e era bem visível. O gosto aparente da professora pelos alunos em detrimento dos outros; as situações de castigos que eram muito severas. Como é que com 4 anos de idade, você vai falar para uma criança que vai dar um líquido rosa para ela e colocar na frente dela e falar que se não ficar quieta, ela vai dar aquilo ali e vai crescer nariz, boca... vai ficar tudo grande!?! (características negras). Ela [a professora] fazia a gente pedir perdão de joelhos porque a gente estava sendo bagunheiro para que ela não desse aquilo ali pra gente.

A experiência de Malcolm aponta seu olhar crítico sobre escola e revela como a padronização da escola para os alunos negros o colocava em um ‘não-lugar’.

Para todos nós a escola é um espaço desafiador, porque primeiro a gente se coloca num lugar de total estranhamento, um lugar que faz com que a gente tome contato com pessoas muito diferentes. Hoje eu diria que é mais desafiador, e na época eu não poderia falar isso, que é um tipo de conhecimento que é normatizador, padronizador de um mundo que não é um mundo que correspondia ao que eu vivia e vivo até hoje. O fato dela ser colonizadora em si, ela impõe desafios. Ela

quer moldar nossos corpos, corações e mentes em uma coisa que não somos.

A escola aparece no decorrer dos depoimentos como um espaço importante, mas ao mesmo tempo tenso. O processo de ensino-aprendizagem circula sob uma mesma lógica, ou seja, um conhecimento único que privilegia somente saberes e culturas socialmente hegemônicas e distante dos alunos. A relação pedagógica perpassa o afetivo, o humano, a interação com o diferente. Situações de exposição vexatória e ameaças comprometem o campo de formação e de aprendizagem. Em outras circunstâncias, a escola não somente ocupa um espaço desafiador para os alunos negros, mas também um lugar onde, muitas vezes, se deposita pouca credibilidade intelectual desses sujeitos, fortalecendo assim os discursos em torno dos estereótipos negativos sobre o corpo negro.

Zumbi acrescenta na sua fala a necessidade de buscar um refúgio na sala de aula escondendo-se nas últimas carteiras. Há uma construção no imaginário social que tende muitas vezes a cristalizar que os alunos mais inteligentes sempre ocupam as primeiras fileiras. Sabemos que isso não necessariamente é verdadeiro, porém na experiência de Zumbi os lugares ora atuam como marcadores de privilégios, ora como estratégia de sobrevivência. Ele nos relata:

A gente não sentava na frente mesmo, até mesmo quando as professoras intervinham, nós não éramos escolhidos para sentar na frente. A J. que era tida como uma menina muito crânio, era uma menina negra muito inteligente, muito esforçada, mas ainda assim estava aquém das demais brancas, embora ela arrebetasse muito mais que as outras, mas nem ela sentava na frente [...]. Sempre sentei atrás. Eu não queria ser visto. Os escolhidos para sentar na frente eram sempre pessoas brancas, ou também, os negros não se sentiam à vontade para se sentarem na frente e aí iam ter muita visibilidade. Até porque a gente era muito sacaneado. Então você estar na frente, todo mundo atrás está te vendo... então consequentemente, você sentava atrás era uma quantidade menor de gente para te olhar.

Em 2009, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Inclusão (SECADI) em parceria com o Instituto Nacional e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, (INEP) e com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), divulgaram o resultado de uma pesquisa inédita que realizaram cujo objetivo era identificar o quanto que situações de discriminação ocorridas dentro da escola influenciavam no acesso, na permanência, na trajetória e no desempenho escolar dos estudantes. Os resultados da pesquisa apontaram que a escola é um espaço onde o preconceito é bastante disseminado entre todos. No que tange ao desempenho escolar,

percebeu-se que as escolas que apresentavam mais atitudes de preconceito, as notas médias na avaliação da Prova Brasil, por exemplo, eram mais baixas.

No decorrer da conversa com os três interlocutores, eles nos relataram diversas experiências na qual as situações de racismo eram presentes, de invisibilidade, de falta de representatividade negra durante a formação, entretanto, as relações construídas com os colegas foram destacadas como positivas, o contato com algum professor mais sensível que apresentava temas mais sociológicos e culturais provocando debates e reflexões críticas sobre a realidade, são descritas como alguns dos elementos importantes no processo de empoderamento e identidade negra.

Levando em consideração que o “clima escolar” pode afetar positiva ou negativamente os alunos, como nossos interlocutores romperam o estigma do fracasso?

SUCESSO ESCOLAR: O CIENTISTA SOCIAL, O HISTORIADOR E O JORNALISTA

Conforme abordado na seção anterior a partir dos depoimentos dos jovens negros, a escola tende a ser um espaço de tensão para alguns grupos. Nem todos conseguem ultrapassar as barreiras impostas pelo racismo estrutural e institucional. Ouvindo os nossos interlocutores e a aproximação com os diversos estudos sobre raça e desempenho escolar, sabemos que as trajetórias de sucesso são construídas por diferentes elementos. Não há uma receita ou caminhos desenhados. Cada sujeito constrói a sua história, é certo que, a existência de redes de suportes que auxiliem no empoderamento e no estímulo cognitivo, emocional no enfrentamento das “ciladas do racismo”, tornam-se componentes importantes para um melhor desempenho escolar.

Coleman (BROOKE; SOARES, 2008 p. 28) descrevendo a sua pesquisa sobre o efeito escola e a distribuição das oportunidades educacionais nos Estados Unidos na década de 1960, ressaltou que para quase todos os grupos de minorias, mais em particular para os negros, as escolas não davam nenhuma oportunidade para eles superarem as deficiências iniciais. Na verdade, eles se distanciavam da maioria branca, no desenvolvimento de algumas habilidades consideradas necessárias para participação na sociedade moderna. Outros autores desde as décadas de 1970 em diante, vêm evidenciando através de suas pesquisas que a influência da expectativa dos professores sobre os alunos promove uma resposta no desempenho escolar. (TUPI et.al, 2010; RASCHE; KUDE,1986).

Os pioneiros neste debate foram Robert Rosenthal & Lenore Jacobson na década de 1960. Apesar da pesquisa na época gerar muitas polêmicas, os autores trouxeram à tona a

discussão sobre como as expectativas dos professores depositadas nos alunos tendiam a responder a uma profecia autorrealizável para o sucesso ou para o fracasso. Eliane Cavalleiro (2003) mostra em sua pesquisa sobre racismo, preconceito e discriminação racial na educação infantil como as professoras demonstravam mais afetividade e *feedback* positivo e incentivador as crianças brancas em relação às negras.

Durante a conversa percebemos que em todos os momentos, Malcolm, Zumbi e Mandela mencionavam a existência de um “prediletismo escolar” e hoje acreditam que isso pode ter impactos positivos para os beneficiados. Reconheceram a participação de suas famílias como referência de incentivos: seja através do empoderamento negro diante das questões de racismo ou no esforço familiar demandado pelo investimento pedagógico que os pais promoviam mesmo em situações mais precárias. Outras referências importantes atribuídas por nossos interlocutores foram as redes de suportes que promoviam uma integração. Essas redes nem sempre abordavam questões raciais, mas apresentavam outros elementos importantes como o respeito, a importância dos estudos, a valorização das diferenças, por exemplo. Chamamos aqui de redes de suportes, um conjunto de ações promovidas por instituições, grupos ou pessoas individualmente que agem pedagogicamente na autoestima e incentivo da população negra.

Malcolm relata que a escola como um todo, trazia poucos incentivos, mas recorda que a equipe de xadrez na qual fazia parte e era uma iniciativa de um professor e a banda musical, promoviam experiências positivas como, por exemplo, o desejo de ficar na escola depois do horário para ensaiar ao invés de estar na rua sob a influência de más companhias. Zumbi relata também que a sua participação no esporte através do futebol e na arte durante os ensaios do grupo de teatro e os concursos de paródias e poesias foram elementos importantes que motivavam a permanência na escola.

Podemos compreender que a participação nessas atividades simbolizava para esses meninos um lugar de promoção e destaque que não assemelhava ao cotidiano comum ligado aos castigos, as presenças constantes – nem sempre justificáveis – na sala da direção, a invisibilidade. Nos três relatos observamos que houve circunstâncias específicas que, principalmente para Mandela e Zumbi, emergiram como um disparador que mudou a situação de fracasso refletida nas reprovações. Mandela conta que a organização de grupos mistos na escola para as atividades musicais de paródias e sambas passaram a ocupar o tempo ocioso em que ficava na escola e quando possível, fugia ou cabulava as aulas com os colegas para beber.

Fora do ambiente escolar, notamos que o debate e conscientização das questões raciais vieram através da participação em rodas de capoeira, dos grupos jovens na igreja, espaços culturais. Malcolm acrescenta: “se eu sou cientista social hoje, se fiz ciências sociais, se eu milito aonde eu milito é por conta da minha mãe. É ela que diretamente me ensinou essas coisas, o valor da importância da luta coletiva, a injustiça social. O reconhecimento racial veio na capoeira”.

Para responder à pergunta da seção anterior e revisitando suas trajetórias escolares, perguntamos aos três jovens, hoje formados e ocupando diferentes espaços e representatividade, se eles se consideravam pessoas de sucesso e quais elementos ou estratégias consideravam ter influenciado nesse processo. A compreensão de “ser bem-sucedido” para todos passava pela superação dos desafios enfrentados ao longo da vida e a conquista em ocupar lugares, formação e posições jamais pensadas. Além dos elementos já mencionados e que eles concordam no potencial de suas influências, Zumbi atribui a convivência, o apoio de amigos e de familiares como fundamentais, além das leituras que o possibilitou enxergar a realidade com outros olhos. Ressalta com veemência: “Só que essas conquistas não vieram sozinhas. Individualmente, eu não sei se eu conseguiria ter essas conquistas e o estudo me fez um homem bem-sucedido”. Mandela também acredita que ser bem-sucedido passa pelas oportunidades que surgem e acrescenta: “a estratégia que eu uso é sempre prosseguir e nunca parar mesmo diante das dificuldades”.

A expressão de Malcolm ao responder à pergunta é emblemática. Dá um profundo suspiro, uma pausa e sorri. Por alguns instantes parece que faz uma viagem geracional e em seguida expressa:

“Eu venho de uma família que pouco lê, que tem pouca expressão, pouquíssimo capital cultural. Eu me considero bem-sucedido porque até o fato da gente romper a profecia auto realizadora, o fato de eu ser o primeiro da minha família a entrar numa universidade de excelência, concluir... porque não basta entrar, porque muitos entram, mas não conseguem concluir. Eu sou o primeiro da minha família a ter curso superior e a estratégia para se alcançar o sucesso vem da família de compreender que é uma luta coletiva e dessa importância de se envolver com movimento social”

De acordo com a literatura e com o cenário social, sabemos que os negros estão em situações de desvantagens, tendo em vista que as interconexões de gênero, raça e classe produzem socialmente um “ciclo de desvantagens acumulativas” (HASENBALG, 1987). Fracasso e sucesso são faces da mesma moeda. Muito se tem discutido, acerca das assimetrias raciais e das configurações dos lugares ocupados por distintos sujeitos mediante a raça/etnia. Segundo Paixão (2008 p.74), o modelo ocidental preserva para os brancos, os negros e as muitas tonalidades de mestiços, de antemão, que saibam qual é o seu lugar e as expectativas em termos pessoais, estéticos, profissionais, ocupacionais, intelectuais, afetivos, entre outros aspectos relevantes das trajetórias de vida de cada indivíduo. Nossos interlocutores através dos seus relatos apresentaram elementos que foram significativos para que conseguissem romper com a

profecia auto realizadora do fracasso. Não podemos afirmar que essas estratégias darão conta de ajudar os estudantes negros a terem êxito. Esses elementos são importantes, mas não são únicos. Reconhecemos que é preciso ter o acompanhamento sistemático e incentivador da família; promoção de acesso a bens culturais, a escola e os professores precisam descolonizar suas práticas e olhares, e, com outras continuidades, as políticas e práticas de implantação voltadas para uma educação antirracista somam esse repertório aqui apresentado.

Tentamos instigar o olhar do leitor para as relações que se estabelecem no cotidiano como naturais a respeito dos estudantes negros. No entanto, os efeitos do olhar sobre os corpos negros para mudança de paradigmas só se efetivam a partir da problematização dos corpos brancos e do lugar que eles ocupam na sociedade. São esses corpos dotados de privilégios e a ideologia da branquitude que legitimam o fracasso dos meninos negros na escola; que revelam as discrepâncias nos níveis de escolaridade, nas posições profissionais, no genocídio, no acesso à cultura, nos afetos. O trato dessas e de outras questões que colocam os negros em situações de *outsiders* diariamente precisam adentrar a escola, ocupar as salas de aula e os currículos permanentemente.

Consideramos por fim, que desvelar os processos seculares da colonização dos lugares e das expectativas estabelecidas sobre os corpos negros, torna-se um grande desafio, uma vez que descolonizar propõe mudar a ordem do mundo, ressignificar práticas estabelecidas e “desarrumar” o que parecia estar nos seus devidos lugares.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. *Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade*. Brasília: UNESCO, 2006.

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Governo. *Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes* / Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

CANÁRIO, Rui. *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARVALHO, Marília Pinto de. Quem são os meninos que fracassam na escola? *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 121, pp. 11- 40, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceitos e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2003.

ELIAS, Nobert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era*. São Paulo: Globo, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, v.29, n.1, pp. 167-182, 2003.

HASENBALG, Carlos A. Desigualdades sociais e oportunidade educacional: a produção do fracasso. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo. V. 63, pp. 24-26, 1987.

LOUZANO, Paula. Fracasso Escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos raciais. *Cadernos Cenpec*, v.3, n.1, pp. 111-133, 2013.

MIRANDA, Claudia. AGUIAR, Francisco L. de. DI PIERRO, Maria Clara. *Bibliografia básica sobre relações raciais e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PAIXÃO, Marcelo. *A dialética do bom aluno: relações raciais e o sistema brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

RASCHE, Vania Maria Moreira; KUDE, Vera Maria Moreira. Pigmaleão na sala de aula: quinze anos sobre a expectativa do professor. *Cad. Pesq.*, São Paulo (57), pp. 61-70, maio 1986.

SANTOS, Augustos Sales dos. A Lei 10.639/03 como fruto antirracista do Movimento Negro. *Educação antirracista: caminhos abertos para a Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

SOARES, José Francisco; BROOKE, Nigel (orgs.). *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SOARES, Tufi Machado et.al. A expectativa do professor e o desempenho dos alunos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan-Mar, V. 26, n. 1, pp. 157-170, 2010.

WASELFISZ, Júlio. Mortes matadas por armas de fogo. *Mapa da Violência, 2015*. SEPPIR: Brasília, 2015.